

Democratizar não é tão fácil assim

DF- Educação

CORREIO BRAZILENSE

11 de 1998

Ana Lúcia Moura
Especial para o Correio

Música, artes plásticas, teatro, literatura, basquete, vôlei, natação, ginástica olímpica, futebol e até capoeira são apenas algumas das atividades desenvolvidas nas cinco escolas-parque do Plano Piloto. Os pequenos artistas e esportistas que estudam em cada uma delas são alunos de colégios públicos e utilizam a escola-parque exclusivamente para aulas de artes e educação física.

Mas as escolas-parque, construídas nas entrequadras da Asa Sul e Asa Norte, só atendem alunos que estudam nos estabelecimentos próximos de onde elas estão localizadas. Aproximadamente 8 mil crianças são beneficiadas. O restante dos alunos dos colégios públicos do Distrito Federal não usufrui das regalias que elas proporcionam, como salas e profissionais especializados para cada atividade artística ou esportiva.

Agora, a escola-parque da 210/211 Norte quer abrir suas vagas para todos os estudantes das cerca de 600 escolas públicas do DF. Isso significa que o aluno de Samambaia, por exemplo, poderá assistir suas aulas de educação física e artes na Asa Norte.

Neste caso, devido às dificuldades impostas pela distância, o horário ideal para as aulas seria o contrário daquele em que o aluno está matriculado regularmente. Os que estudam pela manhã frequentariam a escola-parque à tarde e vice-versa. Além disso, a frequência das aulas não seria mais obrigatória como acontece hoje. O aluno utilizaria as escolas do Plano Piloto apenas como complemento das atividades que já desenvolve na escola onde estuda.

A proposta foi lançada pela diretora da Escola Parque 210/211 Norte, Isabel Gilhon, e aceita na semana passada pela Fundação Educacional do Distrito Federal. Mas a decisão está provocando muita polêmica entre os diretores das outras quatro escolas-parque do Plano Piloto. Não que eles queiram restringir as

Wanderlei Pozzembom



Além de educação física e práticas esportivas, as crianças têm aprendizado de música, teatro, literatura e artes plásticas. Privilégio ou modelo?

vagas, mas acreditam que, se a proposta for realmente implantada, vai acabar elitizando a escola, ao invés de democratizá-la.

Segundo o diretor da Escola Parque 210/211 Sul, Júlio César dos Santos, a abertura das vagas será o fim da instituição. Ele acredita que o aluno matriculado vai acabar abandonando a escola, devido à dificuldade de locomoção e até mesmo à falta de interesse. "Atualmente, cerca de 70% dos alunos das escolas-parque são filhos de empregadas domésticas, frentistas e porteiros que moram em cidades-satélite e trabalham no Plano Piloto", explica. "Com o tempo, as vagas que hoje pertencem a eles vão ser ocupadas

por alunos que não têm condições de frequentar a escola porque não podem pagar um ônibus para chegar até o Plano Piloto", justifica.

Para a diretora da Escola Parque 308 Sul, Anaílda Gomes de Mônica Ribeiro, a escola vai perder a razão para o qual foi projetada. "Deixaremos de ser um sistema de ensino que aprofunda o conhecimento em artes e educação física, para nos tornarmos um apêndice da Fundação Educacional", acredita. "Na verdade, esta é uma forma de eles decretarem lentamente o fim das escolas-parque", lamenta.

Mas a direção da Fundação Educacional está otimista. De acordo com o diretor do Departamento de

Pedagogia, Carlos Mota, a proposta é uma forma de levar os benefícios das escolas-parque aos alunos de todo o Distrito Federal, além de complementar o projeto, da Secretaria de Educação, da Escola Candanga. "Quando as escolas-parque foram criadas, a estrutura do sistema educacional era outro", explica. "Hoje, o número de alunos cresceu e as formas de educar se modificaram, por isso precisamos rever os pontos e avaliar como podemos adequar as escolas à nova realidade", justifica.

Ele acredita que abrir as vagas das escolas-parque para os estudantes de todo o Distrito Federal, com frequência optativa, vai au-

mentar a qualidade da escola, contrariamente ao que pensam os diretores. "Os alunos que optarem por batalhar uma vaga nestas escolas serão aqueles que estão realmente interessados em se especializar em alguma área artística e isso podem, no futuro, até mesmo fazer da escola-parque um local de profissionalização", diz.

Mesmo assim, Carlos Mota acha que é muito cedo para discutir os resultados da proposta. "Implantaremos o projeto a partir do próximo semestre na escola-parque da 210/211 Norte, mas apenas em caráter experimental", explica. "Ser certo, apresentaremos às outras", garante.